

■ Prostituição: um estudo sobre as dimensões de sofrimento psíquico entre as profissionais e seu trabalho⁸⁸

.....**Luciano Ferreira Rodrigues Filho**

Introdução

Tendo em vista os grandes problemas enfrentados na prostituição com os julgamentos morais sofridos pela sociedade atual, uma questão pode ser lançada: como as prostitutas conseguem, apesar dos constrangimentos da situação de trabalho, preservar um equilíbrio psíquico e manter-se na normalidade? (DEJOURS, 2010). Sendo a normalidade para a Psicodinâmica do Trabalho o estado de saúde estável, para isto, o sujeito em situação de trabalho, deve buscar criar estratégias defensivas (defesas) a fim de conseguir um equilíbrio. Para Dejours (2010),

a normalidade aparece então como um equilíbrio precário (equilíbrio psíquico) entre constrangimentos do trabalho desestabilizantes, ou patogênicos e defesas psíquicas (p. 153).

A Psicodinâmica do Trabalho aborda as consequências do trabalho na saúde mental do trabalhador, onde a situação de trabalho acaba gerando conflitos psíquicos, estes originados na atuação profissional, que se torna ora fonte de prazer, ora de sofrimento.

Para Dejours (2010) a relação com o trabalho é fruto de uma história, de um passado e de uma memória. O autor, utilizando-se de raízes psicanalistas, atribui à relação familiar o papel de um dos principais interlocutores para a escolha profissional, pois é assim que a criança irá tomar as angústias dos pais como suas. Estas angústias são geradas através da curiosidade sobre o que angustia os pais: porque meus pais estão tristes? Porque meus pais choram? Qual o motivo de tanta agonia? Perguntas estas que não são verbalizadas pela criança para evitar um sofrimento maior dos pais, pois sendo feitas trariam à “consciência” a angústia de seus progenitores.

88 RODRIGUES FILHO, Luciano Ferreira. *Prostituição: um estudo sobre a relação de sofrimento psíquico entre as profissionais e seu trabalho* / Luciano Ferreira Rodrigues Filho. Ourinhos, 2011, 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Curso de Psicologia) Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM, Ourinhos. Orientador: Dr. Matheus Fernandes Castro.

As curiosidades infantis são guardadas até o ponto onde podem ser vivenciadas, ou seja, no próprio trabalho. Para Dejours (2010, p. 156) “o trabalho é a ocasião de transportar mais uma vez o cenário original do sofrimento para a realidade social, num teatro menos generosamente aberto, contudo, que o precedente ao livre voo da imaginação”.

Sobre esta falta de generosidade da realidade social, no que se refere ao trabalho das prostitutas, Ramos (2000, p. 136) acrescenta,

As prostitutas colocam esse temor em cena. Estão sempre em perigo. No discurso social estão identificadas ao dejetivo, ao falo, à parte perdida do corpo. Como tal, à margem da falta, toda lei protetora as exclui dos direitos sociais e individuais, tornando-as o alvo privilegiado da violência destinada ao retorno do recalçado. Aqui, ou estão situada aquém do desejo, ou tentando preservá-lo.

O trabalho, que é para ser um local onde o sujeito possa buscar as respostas às curiosidades infantis, um local de “livre vôo imaginário”, de satisfação, de criatividade, se torna, às vezes, um local de sofrimentos, de angústias, de insatisfação, não favorecendo a atividade imagética e a criação.

Mas, mais do que isso, sua tarefa não tem significação humana. Ela não significa nada para a família, nem para os amigos, nem para o grupo social e nem para o quadro de um ideal social, altruísta, humanista ou político. (DEJOURS, 1992, p. 49).

Com esta citação de Dejours sobre o trabalho, podemos pensar a grande dificuldade vivenciada, cotidianamente, pelas pessoas que se dedicam a prostituição, já que não contam com um reconhecimento social e, muitas vezes, não possuem um bem-estar vinculado às prevenções para a saúde e aos direitos trabalhistas. Estes trabalhos que não trazem um reconhecimento ao trabalhador pode se tornar perigoso para a saúde mental de quem os realiza (DEJOURS, 1994), o que pode gerar um sofrimento para os trabalhadores.

Para a profissional do sexo os riscos decorrentes de sua profissão, por parte de um não reconhecimento podem gerar desmotivação, stress, depressão, sem contar os efeitos secundários, como o aumento excessivo do uso de drogas (TORRES; DAVIM; COSTA, 1999). Este último, as substâncias tóxicas, podem se tornar a única fonte de prazer, conforme o psicanalista Sigmund Freud (1996 [1927-1931], p. 50):

Contudo, os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado. O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém, que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis.

Para a Psicodinâmica do Trabalho, as patologias, bem como, o uso de substâncias tóxicas, surgem através de um sofrimento patogênico, este, “instalado quando a organização do trabalho não permite ao trabalhador uma margem de liberdade/manobra para efetuar ajustes” (ROSSI, 2010, p. 115). Estes são ajustes favoráveis para o reconhecimento e se os trabalhadores não podem fazê-los a tríade, Trabalho, Sofrimento e Reconhecimento, é rompida.

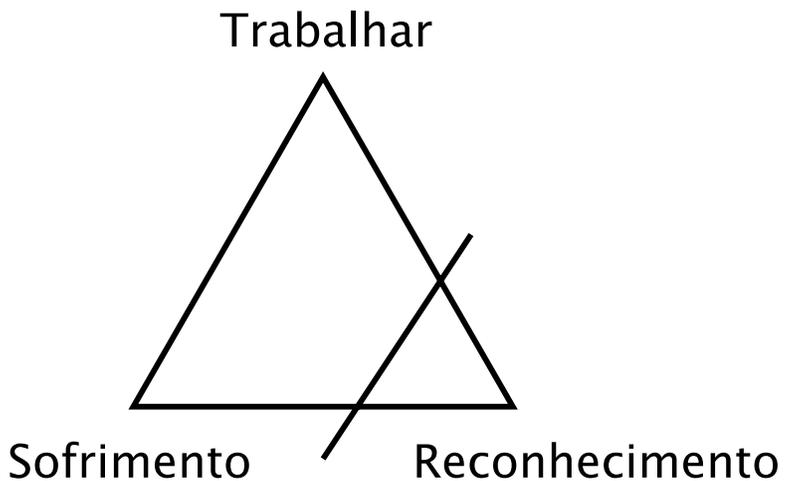


Figura 1 – Dimensões da análise clínica do trabalho (ROSSI, 2010, p. 115)

Conforme a citação de Rossi (2010), parece-nos que o possível sofrimento psíquico elaborado pelas profissionais do sexo é de outro patamar, não referente ao reconhecimento por sua atividade, por seu exercício, mas sim, o reconhecimento por parte da sociedade, que pelos valores morais não aceitam a prostituição como uma profissão.

Não se trata unicamente do reconhecimento vindo por parte do patrão, o reconhecimento social também exerce a sua influência sobre o sujeito. Para a Psicodinâmica do Trabalho, este reconhecimento não se dá exclusivamente através dos papéis (padrão, gerente, funcionário etc.), mas da relação do Eu com o Outro. Para Gernet (2010, p. 63) “quando ele (trabalhador) mantém um relacionamento razoável com a realidade por meio de seu trabalho e este não é reconhecido pelos outros, é condenado à solidão alienadora que Sigaut define como alienação social”.

A validação do trabalho pelo reconhecimento conferido pelos outros contribui de maneira considerável para a construção do sentido do trabalho. Sem o reconhecimento, o sofrimento gerado pelo encontro com o trabalho segue, com efeito, desprovido de significação. O reconhecimento permite dar ao sofrimento uma significação social. Ele pode mesmo permitir a transformação do sofrimento em prazer; quando a engenhosidade empregada para superar as dificuldades que se apresentam não é colocada em um beco sem saída pela organização do trabalho e é reconhecida pelos outros como uma contribuição integral (GERNET; DEJOURS, 2011, p. 65).

Desta forma, a relação de prazer e sofrimento do trabalhador está diretamente ligada ao reconhecimento em seu trabalho. Para Gernet (2010, p. 61) “a teoria do reconhecimento da Psicodinâmica do Trabalho pode ser identificada como o elo central na análise das relações entre saúde mental e trabalho”.

Com isto, a análise a ser feita nesta pesquisa, busca dar uma forma a este reconhecimento determinante para o estabelecimento de um sofrimento ocasionado em situação de trabalho, neste caso, da profissional do sexo e sua tarefa de se prostituir.

Material e método

A pesquisa utilizou materiais bibliográficos que abordam a temática sobre a prostituição e que auxiliaram na construção da história do seu significado, além da literatura sobre a Psicodinâmica do Trabalho.

Para um maior aprofundamento no tema, foi realizada uma entrevista com as profissionais do sexo, de uma casa noturna, da cidade de Jacarezinho-Paraná, este recinto fora escolhido por ser a única na cidade e por receber profissionais de outras cidades. A entrevista, feita em grupo para não inibir as profissionais e pelo tempo curto cedido para a entrevista já que elas estavam se preparando para início do trabalho. Foram entrevistadas 4 profissionais, com questões semi-

-abertas. Não houve seleção das participantes: participaram da entrevista as pessoas que se dispuseram.

A entrevista serviu para colher dados sobre a relação das profissionais com o seu trabalho. Para Dejours (2004; 2007b *apud* ROSSI, 2010, p. 119), com este método:

Todos os comentários (atos de pensar sobre a situação) remetem às vivências subjetivas do trabalhador em relação à organização do trabalho e fornecem indicação da existência das defesas contra o sofrimento e busca pelo prazer. A narrativa veiculada no “espaço de discussão” no “coletivo de pesquisa” também representa formulação da atividade de pensar sobre a situação de trabalho, aquilo que não é dito, os olhares, as expressões; tudo constitui material clínico para análise e interpretação.

Para manter o anonimato das profissionais é utilizada a sigla PS (Profissional do Sexo) seguido do número de identificação (ex. PS 1, Profissional do Sexo 1), mesmo as profissionais apresentando nomes fictícios. Quando surgem questões do pesquisador estará identificado entre parênteses como sendo o “Entrevistador”. Para a análise dos dados, as falas das profissionais foram divididas conforme o assunto e sua pertinência para a pesquisa, a divisão seguiu os conceitos utilizados pela Psicodinâmica do Trabalho para compreender a situação de trabalho.

Resultado e discussão

A escolha profissional

Uma questão significativa para a relação do sujeito com o trabalho é a profissão, por isso tentamos entender em nossa entrevista como isso aconteceu na vida das profissionais com que estabelecemos contato. A fim de esclarecer a escolha da profissão, foram solicitadas as profissionais o porquê de trabalhar como profissional do sexo.

Necessidade (PS 3).

Eu tenho 2 filhos pra sustentar: um bebê de 2 meses e um de 2 anos (PS 1).

Daí tem filho e eu ajudo meu pai (PS 2).

Para a profissional que não tem filhos e nenhum laço com a família, existem outras razões para a escolha do trabalho:

Foi com uma amiga minha. Eu trabalhava num shopping e ela vivia indo lá, ai uma vez ela mostrou pra mim o que ela fazia ai eu pensei: nossa! Eu trabalho a semana inteira, escuto cliente me xingando e você ganha tudo isso enquanto eu to lá ralando pra ganhar esse mesmo tanto que você ganha em 2 ou 3 dias” (PS 3).

Eu acho assim: você está trabalhando num outro serviço, você rala um dia inteiro, ai chega no final do mês, você pega e vai contando todas suas continhas pra você separar o dinheiro, e aqui não, se você vê que você ta ganhando muito, você acaba gastando mais do que você ganhou (PS 1).

Neste caso, podemos perceber o quanto o salário é um motivador para a escolha profissional. Fica claro, até aqui, que as razões apontadas pelas profissionais são da ordem da sobrevivência.

Perguntando sobre o valor ganho, as profissionais disseram que varia, mas que já chegou a ganhar:

R\$ 1.050,00 em três dias (US\$ 450,00) (PS 2).

Em três dias? (entrevistador).

Pra você ter noção, mas depende, tem dia que não está bom pra uma, mas está bom para a outra. Tem dia que nenhuma faz (PS 2).

Depende muito do cliente que vem (PS 3).

Sem dúvida o ganho financeiro é um fator impactante para dar preferência a certa atividade, mas no relato destas trabalhadoras podemos observar, contrariamente ao que o imaginário popular acredita, que não é de forma fácil.

Concepção x Gosto do cliente

Para Dejours (2010, p. 158) a concepção “toma o lugar da atividade de experimentação ocupada outrora, na criança, pelo jogo”. No trabalho, o sujeito inventa mecanismos (ações) para mostrar que na situação real existe uma “lacuna que cada trabalhador deve necessariamente gerir entre organização prescrita do trabalho e organização real”, complementa o autor.

Assim, pode-se perceber a concepção das profissionais, quando não querem realizar os gostos dos clientes:

Tem até um cliente dela, que veio uma vez aqui, um senhor já de idade, ele ficava piscando pra mim e eu disfarcei que não estava vendo, ai ela foi para o quarto,

ele saiu e falou assim: “nossa eu queria ir com você e você nem olhou pra mim”; daí ela saiu do quarto e disse: “nossa eu tive que comer o cu do véio, achei que o véio ia dar no coro e não”; Depois ele disse assim: “Amanhã eu venho com você”; No dia seguinte, coloquei umas unhas postiças imensas nos dedos (risos) (PS 2).

A concepção neste caso pode ser vista no mecanismo criado pela profissional para fugir da situação de ter que “comer” o cliente: “as imensas unhas postiças”.

Nesta saída, a profissional busca contornar os desejos e gostos do cliente, revelando sua criatividade na tarefa a ser realizada dentro de sua profissão, e que, mesmo o cliente pagando bem, não é tudo que elas fazem para agradá-los. Ou seja, apesar do dinheiro ter sido relatado como algo importante para a escolha da profissão ele não é capaz de organizar completamente a realização de suas atividades. Isto também se apresenta na fala seguinte:

Pagando bem, a gente faz de tudo com ele, só não beijo na boca e não faço boquete sem camisinha, porque eu não gosto (PS 1).

Desta forma, a concepção atribuída pela profissional em seu trabalho está relacionada com o pagamento e a vontade do cliente, mas que, nem sempre, este pagamento é motivo para ações que não são de gosto da profissional, como: beijar na boca e fazer sexo oral sem preservativo.

Organização do trabalho

Para a Psicodinâmica do Trabalho, a relação entre o sujeito e o trabalho se define pelos seguintes pontos:

- O trabalho é entendido como estruturante psíquico;
- A relação entre homem e trabalho está em contínuo movimento, aberta a evoluções e transformações;
- Homem não está passivo em frente das restrições impostas pela organização do trabalho, buscando sempre mecanismos para exercer sua liberdade e manter sua integridade e saúde (DE-JOURS, 2004 *apud* SILVA; FREITAS, 2011).

Assim, no texto de Rossi (2010), é indicado o uso da questão: O que se faz para realizar a sua tarefa? Como meio de:

Levar os trabalhadores a uma formulação, a uma reflexão sobre as situações de trabalho que jamais foram pensadas, e ainda propiciar informações ao pesquisador para alimentar a interpretação (p. 117).

A questão trouxe forte impacto na reflexão das prostitutas sobre seus cotidianos de trabalho e o que são submetidas a fazer. Isso fica claro quando respondem:

Não complica não (risos) (PS 2).

Oh! Meu coração! (PS 1).

Eu dou porque eu gosto de dar, e ainda mais por dinheiro, melhor ainda, porque eu não gosto de dar de graça (PS 1).

Para a profissional, a organização do trabalho gira, principalmente, sobre o cliente: quanto o cliente irá pagar, quem é o cliente, o que ele tem vontade. Dentro da boate,

Você não sabe o que vai levar lá pra dentro do quarto. Você não sabe se vai ser espancada. Tudo isso é um risco que a gente corre (PS 2).

Você não conhece a pessoa com quem irá sair (PS 3).

Aqui dentro, você não sabe quem você vai levar para o quarto, às vezes você acha que conhece a pessoa e não conhece. Você já foi 3 ou 4 vezes com ele, você acha que a pessoa é maravilhosa; é depois ele começa se revelar. Então tudo é um risco. (PS 2).

Você tem que agüentar homens que não quer saber de nada, só quer saber de encher o saco, chega bêbado e você têm que ficar aturando, mesmo não tendo paciência tem que estar ali, aí você tem que pedir licença, retirar, tem que agüentar (PS 2).

A organização do trabalho reserva a estas profissionais muitos riscos. O fato de que para a efetivação de seus serviços elas devem ficar sozinhas com pessoas desconhecidas, revela parte dos perigos que elas enfrentam no dia a dia.

Fora da boate, há também o trabalho domiciliar, onde as profissionais vão até a casa do cliente, algum hotel ou quarto alugado, isto não se dá com frequência, só ocorre quando elas afirmam conhecer o cliente.

Além disso, não se pode deixar de destacar o risco que as profissionais sofrem quanto à saúde, assim, dentro da boate existe todo um acompanhamento por parte da dirigente do estabelecimento em informá-las e mantê-las prevenidas, principalmente com as Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST⁸⁹.

89 “As doenças sexualmente transmissíveis (DST) são transmitidas, principalmente, por contato sexual sem o uso de camisinha com uma pessoa que esteja infectada, e geralmente se

aqui elas se cuidam, usam camisinha(PS 4).

Tem que se prevenir (PS 1).

Precariedade e Medo

Para a Psicodinâmica do Trabalho, o sofrimento está no “centro da relação psíquica entre o homem e o trabalho” (DEJOURS, 2010, p. 160), assim, o trabalho precário onde o trabalhador se depara com o medo e o pavor se torna forte agravante do sofrimento.

Além dos riscos enfrentados dentro das boates: de contrair doenças, do contato com o cliente desconhecido. Existem também, outros perigos enfrentados pelas profissionais, principalmente as que exercem trabalho nas ruas: a violência. Elas são vistas com olhares preconceituosos, o qual, de acordo com a notícia do repórter Glauco Araújo (2007) divulgada pelo site G1, da Globo.com, pode levar ao aumento da violência contra as prostitutas.

No Rio de Janeiro, rapazes que espancaram uma empregada doméstica em um ponto de ônibus, na madrugada de 23 de junho, tentaram justificar a violência afirmando que acharam que se tratava de uma prostituta. Na mesma madrugada, uma prostituta foi agredida em outro ponto de ônibus. Um dos rapazes que espancou a doméstica também foi reconhecido pela prostituta como um de seus agressores. (ARAÚJO, 2007, s/p.).

Ainda na reportagem, a socióloga Paula Ballesteros dá seu depoimento sobre esta violência ao afirma que:

Os valores éticos, morais e sociais estão ficando em segundo plano. Isso esbarra na percepção que um indivíduo tem do outro. São conceitos muito deficitários hoje em dia. A história das prostitutas é mais uma questão moral e religiosa do que legal. É a questão do moralismo, do corpo e da sexualidade... As pessoas

manifestam por meio de feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas. Essas doenças quando não diagnosticadas e tratadas a tempo, podem evoluir para complicações graves, como infertilidades, câncer e até a morte. Usar preservativos em todas as relações sexuais (oral, anal e vaginal) é o método mais eficaz para a redução do risco de transmissão das DST, em especial do vírus da AIDS, o HIV. Outra forma de infecção pode ocorrer pela transfusão de sangue contaminado ou pelo compartilhamento de seringas e agulhas, principalmente no uso de drogas injetáveis. A AIDS e a sífilis também podem ser transmitidas da mãe infectada, sem tratamento, para o bebê durante a gravidez, o parto. E, no caso da AIDS, também na amamentação”. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

ainda reprimem o que você faz ou deixa de fazer com o corpo. Existe essa contraposição. Eu sou um indivíduo, mas o outro não pode ser e posso julgar o que ele faz ou deixa de fazer (ARAÚJO, 2007, s/p.).

Na entrevista, as profissionais do sexo revelam que há o risco de violência que parte do próprio local de trabalho, do dono da boate,

o lugar que a gente trabalha, tem que ver bem, não é todo lugar que é bom. Tem lugar que a gente chega que o dono da casa quer te segurar na casa, não quer deixar sair. Depende, cada lugar é de um jeito (PS 1).

Geralmente, tem gente que fala assim: “A gente só corre risco se for na rua. Mas é mentira. Mesmo dentro da casa corre risco. Porque você não conhece o lugar; às vezes você acha que a pessoa é uma coisa e não é (PS 2).

Quando perguntado se alguma delas já sofreu algum tipo de violência:

O último que tentou me bater levou uma pancada na cabeça, saiu embora com a testa rachada (PS 1).

Ah! É um cara que eu já tinha saído mais de cinco vezes com ele e achei que era uma ótima pessoa, aí ele queria me violentar a força (PS 2).

Portanto, esta relação direta com o medo e a precariedade do trabalho, pode acabar se tornando uma fonte de sofrimento patogênico, o que pode levar as profissionais ao adoecimento psíquico e a somatizações.

O reconhecimento

Dentro dos estudos da Psicodinâmica do Trabalho, o reconhecimento é uma questão fundamental para o estabelecimento da saúde mental do trabalhador. Para Gernet e Dejours (2011, p. 64) “o reconhecimento pelo outro é indispensável para a validação de uma descoberta exitosa na sua confrontação com o real”.

Dejours (2010, p. 158) relata que “o sujeito que, submetendo seu trabalho à crítica, solicita o julgamento dos pares, pode esperar, em troca, ser reconhecido”.

Toda criação implica essa confrontação. Mesmo o artista, o pintor por exemplo, por mais isolado que esteja em seu ateliê, não pode escapar do desejo de conhecer o julgamento dos outros artistas, dos outros artistas plásticos, e mesmo dos pintores inscritos na mesma corrente, na mesma escola de pensamento que ele. O julgamento do mais próximo é o mais temível e também o mais severo, mas é o julgamento decisivo (DEJOURS, 2010, p. 158).

Na citação de Dejours, o autor deixa claro esta necessidade de julgamento do outro. Em nossa pesquisa, percebemos este julgamento vindo do cliente: quando o cliente se torna conhecido por aparecer diversas vezes no estabelecimento à procura do serviço ofertado. Um outro fato que confirma tal reconhecimento se baseia na procura dos clientes pelas profissionais do sexo apenas para conversas, desabafos, pois sabe que a prostituta estará ali dando um apoio e, conseqüentemente, se dá o reconhecimento pelo papel que a profissional estabelece naquele momento.

Por outro lado, existe a falta de reconhecimento da sociedade, o preconceito com a profissão (perceptível na violência contra a profissional, item 5.2.3) e também no não reconhecimento por parte da família,

é lógico que o meu pai não aceita (PS 2).

Além disso, tal falta de reconhecimento advém do próprio governo, por meio do Ministério do Trabalho, que aceita a profissão, mas não reconhece a profissional do sexo como uma trabalhadora que merece seus direitos trabalhistas.

Com isto, podemos dizer que a prostituição sofre com o reconhecimento de vários setores e que este reconhecimento não surge de um momento para o outro, isto leva tempo, talvez até que deixe de ser levados em questão os valores moralistas da sociedade.

Conclusão

Sendo o trabalho um constituinte do sujeito, vimos uma escolha profissional marcada pela sobrevivência, ou seja, as profissionais com que conversamos disseram ter escolhido a profissão por sua remuneração, o que lhes permitiria melhorar de vida. Para algumas profissionais, a profissão escolhida é uma possibilidade de ganhos para o cuidado dos seus filhos que também não difere da busca pela sobrevivência, do sujeito e de sua prole.

Para realizar a sua atividade, é possível perceber que no trabalho da profissional do sexo existe a possibilidade de concepção. Dentro da boate, a prostituta cria ações da qual possa recusar a tarefa que não é de seu gosto. Desta forma, não importa o valor pago pelo cliente, tampouco suas fantasias.

Na atuação das profissionais do sexo, elas têm que enfrentar a precariedade, os riscos e o medo dentro de seu trabalho. Tendo que realizar o seu trabalho com clientes desconhecidos, não sabendo se o cliente possui alguma doença ou se o mesmo possui uma personalidade violenta. Visto que, alguns clientes veem a

profissão como algo banal e sem valor, justificam o comportamento violento por estas características preconceituosas.

Além disto, é constada a falta de um reconhecimento social pela atividade da profissional do sexo. Reconhecimento este que parte dos distintos eixos sociais como dos pais, familiares, da sociedade e até do próprio governo que não dá seus direitos trabalhistas. Esta falta de reconhecimento não irá contribuir para a concretização do “eu” no social. Assim, o trabalho não se torna uma forma do sujeito consolidar sua identidade, tampouco evitar o risco de uma doença mental e psicossomática.

A falta de reconhecimento do trabalho da profissional do sexo faz com que elas tendam a elaborar um sofrimento patogênico. Para Dejours (2010), o sofrimento patogênico deriva das pressões psíquicas decorrentes da separação do trabalho de concepção e do trabalho de execução. O sofrimento instaurado na vida da profissional do sexo é validade quando o trabalho desprovido de reconhecimento não lhe oferece uma significação. (Gernet & Dejours, 2011).

Sendo assim, o sujeito só consegue manter uma saúde mental estável quando o trabalho oportuniza uma normalização, ou seja, quanto o trabalho possibilita transformar o sofrimento em prazer, caso contrário, o sujeito apresenta um sofrimento patogênico, que nesta pesquisa, foi constatado a tendência de um sofrimento patogênico se instaurar na vida das profissionais do sexo.

■.....**Luciano Ferreira Rodrigues Filho** é formado em Psicologia com ênfase em clínica e organizacional, mestrando do programa de pós-graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP, participante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Trabalho e Ação Social - NUTAS.

Referências:

ARAÚJO, G. (2007). *Jovens acham que prostituta é saco de pancada*. Disponível em: <http://g1.globo.com>. Acessado em: 20 set 2011.

DEJOURS, C. (2010). Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J. F. (2010). *O indivíduo na organização* (3a ed., p. 149 - 174). São Paulo: Atlas.

_____. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.

_____. (1992). *A loucura do trabalho: estudos da psicopatologia do trabalho* (5a ed.). São Paulo: Cortez.

FREUD, S. (1996). [1927-1931]. *Obras completas*: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.

GERNET, I. (2010). Psicodinâmica do reconhecimento. In: MENDES, A. M. (org). (2010). *Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros* (p. 61-76). Curitiba: Juruá.

GERNET, I.; DEJOURS, C. (2011). Avaliação do trabalho e reconhecimento (p. 61-83). In: BENDASSOLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (2011). *Clínicas do trabalho*. São Paulo: Atlas.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Doenças Sexualmente Transmissíveis. Acessado em: www.ms.gov.br. Acessado em: 23 jul 2011.

RAMOS, L. N. (2000). A profissão mais antiga do mundo e o trabalho feminino (p. 133-142). In: JERUSALINSKY, A. *et al.* (2000). *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

ROSSI, E. Z. (2010). Método de pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho (p. 113-124). In: MENDES, A. M. (org). (2010). *Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros*. Curitiba: Juruá.

SILVA, F. H. E. da; FREITAS, L. G. de. (2010). Organização do trabalho, prazer-sofrimento e estratégias de mediação no trabalho de programadores de faculdade via internet (p. 433-450). In: MENDES, A. M. (org). (2010). *Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros*. Curitiba: Juruá.

TORRES, G. de V.; DAVIM, R. M. B.; COSTA, T. N. A. da. Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. *Revista latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, 7 (3), p. 9-15, julho 1999.